Bem-Te-Vi

ANO XVIII

NUM. 5

MAIO DE 1940

A Amizade de Dina

Desde o primeiro ano Carí e Dina eram amigas íntimas. Iam juntas à escola; sentavam-se na mesma carteira, brincavam juntas, repartiam a merenda, emprestavam livros e brinquedos uma à outra e não tinham entre si nenhum segrêdo; até já diziam que não se via a cabecinha loira e crespa de Dina que se não vissem também os cachos pretos de Carí.

Matriculou-se naquela escola, uma nova aluna — Neusa, que veio esfriar a amizade velha das duas amiguinhas. Já não era sempre que estavam juntas. Neusa era uma menina muito rica e de boas maneiras; seu pai ocupava posição de destaque na sociedade. Ela vestia-se muito bem, tinha um lindo cachorro de raça e uma bicicleta. Logo que chegou, fizeram-lhe uma festinha para familiarizar-se com as colegas, e foi aí o comêço da perturbação.

Neusa, passando a mão pelos cabelos de Carí, disse:

— Que cabelos bonitos você tem! Sempre tive vontade de ter cabelos assim, da côr de carvão. Acho que vou escolher você para minha melhor amiga.

Dina notou as duas cochichando, mas não se incomodou. No dia seguinte recebeu um telefonema de Carí, dizendo não poder esperá-la naquele dia para irem juntas à escola, pois já havia combinado ir com Neusa.

— Sim, não faz mal; até é bom porque Neusa aínda não é muito conhecida.

No entanto, Dina percebeu que não foi só aquele dia, mas daí por diante Dina ia sòzinha, pois Carí só pensava e falava em Neusa.

As outras colegas comentavam o caso. Um dia uma delas disse:

— Você deve estar zangada com Carí, não? Ela agora só anda com a Neusa. Outro dia estavam falando a seu respeito.

Mas Dina apenas sorriu. Não podia deixar de sentir a atitude tomada por Carí, mas também não a censurava. Sabia que Neusa passaria as férias fora e portanto esperava pacientemente.

— Vocês eram tão amigas, antes, disse outra.

— Aínda a considero minha melhor amiga, respondeu Dina, calmamente.

E assim correu o resto daquele ano. Não fôsse a visita que Dina recebeu da vovó, teria certamente sentido bastante a falta da companheira que parecia haver-se esquecido dela por completo.

Quando as aulas se reabriram no ano seguinte, Neusa não voltou. Tinha-se mudado para outra cidade. Como de costume Dina sorria para Carí. Mas Carí desviava o olhar. Alguns dias depois Carí chamou-a e perguntou-lhe se podia ir em sua companhia à escola.

— Que pergunta, Carí! Estarei pronta à hora costumada.

E, para não deixá-la embaraçada, Dina só falava em assuntos de escola, como se nada tivesse acontecido.

— Eu pensava que você me estaria odiando, Dina, depois de como a tratei ùltimamente.

— Seria engraçado a gente odiar a melhor amiga, não acha? perguntou Dina, rindo.

E foi assim que as duas, a de cabecinha loira e a de cabecinha preta, viam-se novamente juntas, mais íntimas do que nunca.

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 5

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce
Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659
Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho • São Paulo, Maio de 1940 • Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

DESCOBERTA DO BRASIL

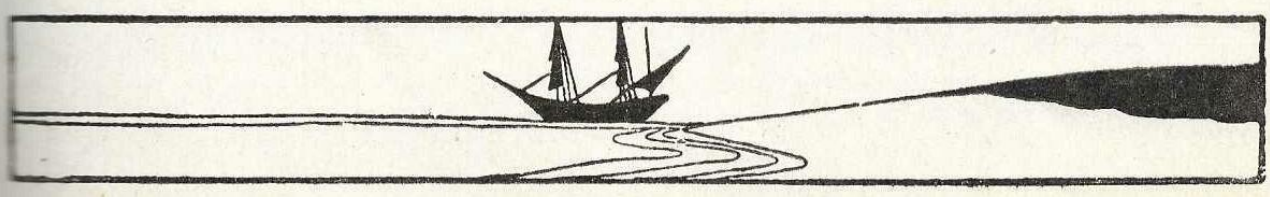
G. KUHLMANN

Pedro Alvares Cabral, o bravo navegante,
Partira de Lisboa, em armada possante,
Afim de submeter os povos do Oriente
Duvidosos de haver um Portugal valente.
Porém, ou foi acaso ou foi curiosidade,
O que é certo é que, com ou sem vontade,
Mudou de rumo e, assim, descobriu país novo
Que a Pátria veiu a ser de altivo e nobre povo.
A "vinte e dois de abril" foi vista a nova terra.
(Avistado primeiro o cimo de uma serra
Que, de monte Pascoal, o nome teve então
Por, na Páscoa, se estar naquela ocasião)
E, sendo "Santa Cruz", da terra o nome, outrora,
Comemora-se a data a "três de maio" agora.

. . . . . .

Afim de conhecer o "povo", temerário,
A' terra saltou logo um primeiro emissário ;
Êsse arrojado heroi, que foi Nicolau Coelho,
Ao gentio, entregou um barrete vermelho
Para lhe conquistar amizade e prestígio.
— Foi prenúncio, talvez, dêsse "barrete frígio"
Que a República traz, como seu distintivo,
Para simbolizar o ardor de um povo vivo !
Foi o sêlo da Paz e da Fraternidade
Que, a nossa Pátria, liga a tôda a Humanidade !

(Do livro "*Bondade e Pátria*").



Nha Chica e o Bentinho

(13 de Maio)

Era noitinha. Terminado o trabalho daquele dia, a velha preta nha Chica sentou-se à soleira da porta de sua casa, que ficava no quintal da patrôa. O dia seguinte era feriado e nha Chica ia passear. Nem bem sentou, abeirou-se o pretinho, seu neto e, sentando-se no degrau da escada, perguntou-lhe:

— Vovó, amanhã é dia santo?

— Não, meu netinho, amanhã não é.

— E' dia de jantarado?

— E'. Por que? Quer ver que terei ajudante?

— Vovó deixa?

— Deixo. Então fica por sua conta descascar as ervilhas para os pasteis e depenar o frango.

Bentinho esfregou as mãos de gôsto, antegozando o dia que iria passar na cozinha junto com a vovó, lambiscando uma coisinha ou outra.

Nha Chica era a cozinheira que há 50 anos trabalhava com a família Gomes. Alí formara a sua família. Casara-se, tivera filhos e netos, dos quais, Bentinho alí ficara com os pais que também estavam a serviço da abastada família. A mãe de Bentinho cuidava de lavar, passar e engomar; o pai tinha a seu cargo a ajardinagem e os serviços mais pesados de limpeza da casa, como encerar, lavar as vidraças, etc.

— Vovó, amanhã já é domingo?

— Não, Bentinho.

— Então, por que a senhora disse que é dia de jantarado?

— Ora, meu neto, amanhã é feriado, é o nosso dia, o 13 de maio!

— Pelo modo de falar da vovó eu percebo que é um feriado diferente dos outros, mas não sei por que.

— Vou explicar, meu bem. Quando eu era menininha do seu tamanho (Bentinho olhou para a vovó, que já tinha a carapinha branca, e fez esfôrço para imaginá-la uma garotinha como êle) eu morava noutro país, muito, muito longe daquí — na África. Morava com papai e mamãe. Viviamos uma vida muito simples, mas éramos felizes. Eu brincava, cantava, trepava nas árvores com meus irmãos. Assim fomos crescendo, entre folguedos.

Mas um dia — ah! como me lembro! — eu tinha 10 anos; chegaram à nossa aldeia uns homens brancos, sem coração, e depois de trocadas umas palavras com meu pai, mandaram-nos acompanhá-los, eu e meu irmão de 18 anos. Olhei para mamãe que já estava chorando inconsolável. Quís correr, fugir, mas os brancos me seguraram pelo braço e nos fizeram caminhar. Não fomos só nós dois as vítimas; havia mais umas 50 — homens, mu-

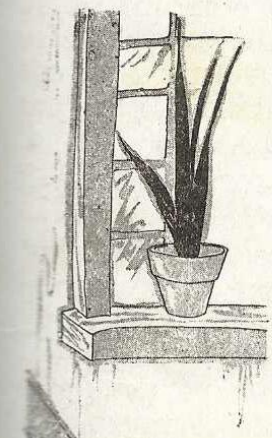
lheres e moços. Todos manifestavam uma dôr profunda e íntima. Eu, criança aínda, não sabia o que estava por vir, mas meu coração pressentia uma vida triste. Meu irmão, coitado, me consolou com palavras de carinho, mas eu queria era a mamãe, a quem nunca mais vi. Depois dum dia de marcha, tomamos todos um navio. A prin-

cípio eu gostei daquilo por ser novidade, mas, pouco a pouco, caí numa saudade, profunda, tão dolorosa, que quasi morri.

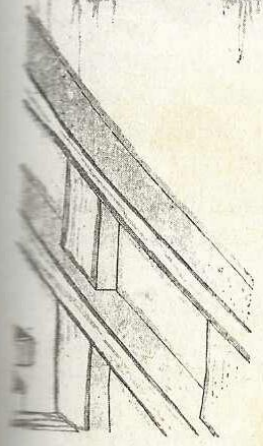
Afinal, depois duma viagem horrível e por demais longa, chegamos aquí ao Brasil, no pôrto de S. Salvador. Alí fomos vendidos: — meu irmão não sei para onde foi, e eu tive a sorte de cair nas mãos do sr. Gomes, homem bom e honrado. Como eu era uma garota forte, sadía e disposta, que fazia o serviço bem feito como sempre me recomendava minha mãe, caí nas graças da patrôa, a querida d. Amália. Meu primeiro serviço foi pagear o filhinho dela, hoje, capitão da marinha. Cuidava bem dêle, cantarolava baixinho como fazia lá na minha terra para adormecer meu irmãozinho, que me fazia aquí chorar de saudades. A patrôa ficou gostando de mim, por ver que eu era boa pagem.

— E que a vovó fazia com o ordenado? Mandava p'ra bisavó lá na África?

— Ordenado? Se você soubesse, Bentinho, qual era o nosso ordenado! Era só chicotadas se o serviço não saia bem feito. Pagamento não se fazia. Eramos escravos! Escravos! Não nos consideravam gente! Era uma judiação incrível! Meu marido, (pois depois eu me casei com um preto forte) me contou horrores do patrão dêle. Disse que certa noite a criancinha duma escrava chorou muito.



Que fez então? Mandou matar o filhinho dela na manhã seguinte e jogá-lo aos cães! Aínda agora eu me arrepio em falar nisso!



Bentinho escutava a vovó contar aquilo e nesse momento não pôde deixar de exclamar: "Miserável!"

Pois é, meu neto, a vida foi bem triste para os pretos aquí no Brasil. Você aínda é criança e não quero encher-lhe a cabecinha de coisas tão tristes.

— Vovó, mas como é que hoje a senhora, o papai e a mamãe ganham dinheiro?

— Ah! Isso é hoje, meu bem! A vida agora é outra! No Brasil havia também gente boa, gente de coração, que entendia serem os pretos filhos de Deus. E muitos se movimentaram; discutiram e escreveram sôbre a abolição dos escravos. Lembro-me de Rui Barbosa, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Luiz Gama, Mauá, Rebouças, Rio Branco, e outros muitos. Êstes nomes hão de ficar para sempre bem lembrados nos corações dos pretos. José do Patrocínio também era preto, filho duma negra; o pai era branco. Êle estudou. Era inteligente e empregou tôdas as suas fôrças para afinal, no dia 13 de maio de 1888, ver assinada a lei, que punha em liberdade todos os escravos. Que fez êle? Beijou a mão da princesa-regente d. Isabel, tal era a sua gratidão, pois ela foi quem assinou a lei. José do Patrocínio, meu netinho, foi um homem de valor. Quando você fôr à escola, há de estudar os seus feitos. Quando êle morreu, adivinhe quantas pessoas o acompanharam a pé até ao cemitério?

Bentinho pensou, pensou e disse:

— Quinhentas!

— Dez mil, meu filho! Dez mil pessoas o acompanharam. O côche funerário foi puxado pelo povo, sendo os cavalos destrelados.

A cabecinha de Bento não pôde imaginar a grandiosidade dessa consagração.

— E depois daquele dia, vovó, não houve mais escravos?

— Não. Houve festas por 10 dias. Muitos pretos continuaram onde estavam, mas não como escravos, e outros, foram principiar vida nova! Não há como a liberdade! Sabe, agora, meu netinho, porque amanhã é dia de jantarado?

Bentinho, sorrindo, respondeu:

— Do que eu escapei, hein vovó?

— Você é feliz, Bentinho.

— E aonde a senhora vai passear amanhã?

— Amanhã vamos ao jardim da Glória, que fica em frente à residência do cardeal. Lá há duas estátuas, uma é do Visconde Rio Branco e a outra é de Castro Alves. Ambas serão amanhã enfeitadas de flores, pois muitos são os admiradores daqueles que trabalharam para libertar os pretos. Castro Alves escreveu uma poesia linda, assim me contou meu sinhô e quando você ficar grandinho, quero que aprenda a recitar; é o "Navio Negreiro".

— A senhora me leva ao jardim, vovó?

— Levo, meu filho, mas então vamos dormir, que já é tarde.

UMA COISA DIFERENTE!

Dia das Mães!

Já os bem-te-vistas sabem que o Brasil tem um dia destinado às mães. E' o 2.° domingo de maio. Nêsse dia em que se exaltam seu amor, sua vida de sacrifícios e trabalhos, e também seus deveres sagrados e de tanta responsabilidade, todos os filhos, grandes e pequenos, devem manifestar-lhe seu reconhecimento e gratidão. Além de procurarem viver uma vida que lhe proporcione alegria, costumam muitos, nêsse dia, dar-lhe um presente, além dum abraço e dum beijo especiais; se estão longe, escrevem-lhe uma boa carta.

Vocês, meus queridos amiguinhos, vão desde já imaginando uma surpresa para êsse dia. Não se esqueçam, senão mamãe vai ficar desapontada. Leiam a história seguinte para saber o que um menino arranjou para sua mãezinha.

*

O dia das mães se aproximava. As crianças tôdas guardavam seus níqueis para terem o prazer de presentear a mamãe querida. Adauto, todavia, andava acabrunhado porque no seu boizinho-cofre não havia nem um tostão. Êle era de família pobre e precisava arranjar algum servicinho para ganhar uns tostões. Mas parece que ninguém precisava de seus préstimos.

Adauto sentou-se na soleira da porta, de queixo nas mãos. Estava pensando em como sua mãe era boa — tão alegre, jovial e trabalhadeira. Era uma vergonha não lhe dar nem um presentinho por ocasião do Dia das Mães.

Havia sôbre a mesinha uma revista, e, ao se levantar, Adauto esbarrou nela, derrubando-a. A revista caiu aberta bem numa página de anúncios em que se via a figura duma mulher muito bonita e sorridente.

"Essa mulher é alegre como minha mãe", pensou Adauto.

Folheou a revista e encontrou outras figuras igualmente lindas e coloridas. De repente sentou-se, com uma idéia! Um sorriso franco passou-lhe pelos lábios.

"Ah! Já sei! Vai ser uma coisa diferente!"

Nos dois dias seguintes Adauto esteve trabalhando em seu quarto, de porta fechada. Sôbre a janela estava uma tesoura e um vidro de grude e sôbre a cadeira, uma porção de revistas velhas. Adauto conservou, durante aqueles dias, uma expressão de contentamento como temos ao preparar para alguém uma boa surpresa.

Na manhã do grande dia, o Dia das Mães, Adauto levantou-se bem cedinho. Para mamãe já foi uma surpresa não precisar chamá-lo. Percebendo pelo cheiro que a mamãe estava coando o café, foi na ponta dos pés à sala de jantar e, estando a mesa posta, pôs uma coisa debaixo de sua chícara. Dalí a pouco a família estava à mesa para o café. Mamãe viu logo o embrulho e não pôde deixar de sorrir para o filhinho.

— Abra-o depressa, mamãe, disse êle ansioso. Fui eu mesmo que o fiz para a senhora.

Mamãe abriu-o. Era um livrinho feito a mão. Na capa, com a letra mais caprichada que Adauto pôde fazer, lia-se:

"À melhor mãe do mundo".

Na primeira página estava colada a figura daquela mulher linda que sorria quando a revista caiu aberta. Debaixo desta gravura êle escreveu:

"Minha mãe é assim".

Na página seguinte, havia outro quadro de uma mulher corada e de cabelos ondeados. Abaixo lia-se:

"Minha mãe é bonita também".

Adiante vinha a gravura duma sala confortável e boa. Alí êle escreveu:

"Minha mãe torna a nossa casa boa como esta".

Seguindo, lá estava a figura duma cozinha, branca e irrepreensìvelmente arranjada com estes dizeres:

"Minha mãe traz nossa casa limpa e em ordem".

Na página seguinte viam-se bolos deliciosos e outras gulodices. Alí a mamãe leu:

"As coisas que ela faz são gostosas como estas".

Mais uma página, e outra figura duma senhora abraçando o filhinho.

Que vocês pensam que êle escreveu agora?

"Minha mãe gosta muito de mim e eu gosto demais dela".

A última página tinha diversas gravuras — um menino carregando uma carta, outro varrendo a calçada, outro cuidando dum irmãozinho e outro aínda, vindo com uma cesta cheia de compras. Debaixo destas figurinhas Adauto escreveu:

"Prometo ajudar a senhora o mais que puder".

— Sabe, mamãe, eu estava triste porque não podia comprar-lhe um presente, então fiz isto para mostrar como gosto da senhora.

— Meu filho, era impossível você encontrar nas lojas alguma coisa que me agradasse tanto como êste livrinho. Esta lembrança vou guardá-la para sempre.

E, estreitando-o contra o coração, beijou-o ternamente.

★

PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

DOCE DA CASCA DE **GRAPEFRUIT**

Casca de 3 **grapefruits**
Sal
Açúcar

Deixe de molho durante a noite a casca de 3 *grapefruits* em 1 litro de água fria a qual se adicionou 1 colher de sopa de sal. Escorra essa água, cubra com água fria e leve ao fogo até ferver por 20 minutos. Repita isto 3 vezes, e na última deixe cozinhar até a casca ficar macia. Escorra Se houver muita pele branca com a casca, tire um pouco com uma colher Corte a casca em tiras finas. Pese a casca e ponha pêso igual de açúcar e ½ chícara de água fervendo. Cozinhe até ferver. Tire as cascas, sem água, se fôr possível, e deixe-as secar em uma grade. Quando estiverem frias, passe-as em açucar cristalizado e ponha-as para secar Guarde em vasos de vidro. Se quiser pode obtê-las coloridas, ponto a tinta no caldo enquanto estão no fogo.

★

Resposta á logicidade de abril:

1. Rio 2. Bandeira. 3. Cara — cará.

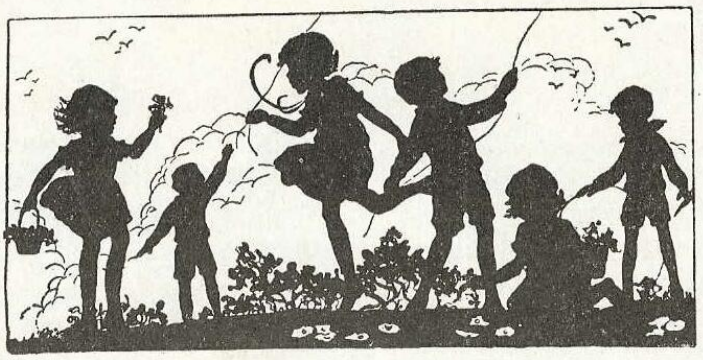
★

ENIGMA BÍBLICO:

Ajuntem estas sílabas e terão as doces palavras de Jesús às crianças.

xai Mim me que tais Dei os ni dos rei é do por nos vir nos no céus. o a

QUE FARIAS TU?



O CACHORRINHO DE OMAR

História dum menino que queria ter um cachorrinho só seu.

Nem o concurso de papagaios que ia haver naquele dia pôde abalar Omar, de tão triste que estava, porque Jipo, o seu amigo inseparável, tinha ido embora. Jipo era um cachorrinho que o tio João deixara em sua casa enquanto fazia uma longa viagem pela Noroeste.

Agora tio João voltou e levou Jipo consigo para a fazenda. Omar estava triste mesmo. Sentia saudades do companheiro e não achava graça em nada sem Jipo ao seu lado. Como se queriam os dois!

Então Omar foi falar com a mãe:

— Mamãe, eu queria um cachorrinho para ficar comigo, a vida tôda.

— Pois, meu filho, vá indagando; quem sabe você descobre alguém que queira dar...

Omar não esperou segunda ordem. Com o coração mais aliviado saiu indagando; a todos os meninos que encontrava Omar fazia a mesma pergunta: — "Você sabe quem tem um cachorrinho para dar?"

Mas a meninada estava com o sentido no concurso de papagaios e não lhe dava atenção. Afinal um dêles, o Júlio, disse conhecer um tal Jesuino, lá perto do Matadouro, que queria dar um cachorrinho.

Então Omar abalou para a casa do Jesuino enquanto Júlio foi preparar-se para o concurso.

— Olá, Jesuino, eu soube que você queria desfazer-se dum cachorrinho?

— Sim, quanto me dá por êle?

— Ah! Não sabia que era para vender e não trouxe dinheiro.

— Então não me deixe perder tempo agora porque aínda vou ao concurso. Quero ver se ganho o prémio!

Omar, que não apreciara as maneiras de Jesuino, desejou no íntimo que seu colega Carlos, que também ia participar do concurso, ganhasse o prémio. Carlos há muito vinha fazendo seu papagaio de seda e ôsso de baleia como costumam fazer na China, onde as crianças empinam muito alto os papagaios. Fazia semanas que Carlos estava trabalhando nêle. Omar não ia empinar, por isso queria que Carlos ganhasse.

— Se você quiser o cachorro, disse Jesuino depois dum intervalo, ajude-me a fazer o rabo do meu papagaio enquanto prego o corpo na armação; já está ficando tarde.

— Pois não! concordou Omar, contente por achar um jeito de ficar com o cãozinho. Enquanto trabalhava com os pedaços de papel e grude, perguntou:

— Onde está o cachorro?

— Amarrado do outro lado da cêrca.

"Amarrado?" pensou Omar. "Que judiação!"

— De que raça é êle?

— E' mestiço, mas o pai era um mastim.

Omar estava já impaciente por vê-lo, mas só deixou o papagaio

quando o terminou. Então Jesuino disse:

— Você pode ir pegá-lo.

Omar correu do outro lado da cêrca e encontrou um cachorrinho mabro, branco e pardo, deitado ao sol. Ao ver Omar, êle afastou-se mais, procurando esconder-se.

— Não tenha mêdo, bobinho. não vou machucá-lo, disse Omar carinhosamente. Como você está magro e assustado; parece que tem fome, coitadinho.

Não era um cachorro de agradar a vista, mas Omar gostou dêle. O cachorrinho ergueu os olhos suplicantes e sacudiu o rabo, indeciso. O menino estava para desamarrá-lo, quando alguma coisa, do outro lado da cêrca, meio caída, lhe chamou a atenção. Pondo a cabeça pelo buraco da cêrca, viu um lindo papagaio enroscado nuns galhos e chamou Jesuino, que veiu correndo:

— Oh! Que lindo! Vou empinar êsse!

— Mas não é seu! protestou Omar, indignado. O dono dêle há-de reclamá-lo se você tentar empiná-lo no concurso.

— Você tem razão, admitiu Jesuino.

— Aposto que alguém o fez para o concurso e êste vento o trouxe para cá. Precisamos descobrir o dono.

— Você está louco! resmungou Jesuino. E' mais do que certo êsse papagaio ganhar o prémio por voar mais alto. Já que não posso empiná-lo, fica aí onde está até o fim do concurso.

— Que é isso, Jesuino! Eu vou levá-lo ao nosso diretor e êle talvez encontre o dono.

— Muito bem, mas então o cachorro não fica seu.

— Como não? Eu o ganhei à custa de meu trabalho, ajudando você.

— Mas você aínda não está de posse dêle, e só o deixarei levar se prometer não falar nada sôbre o papagaio.

Omar não compreendia como pode um menino ser assim tão deshonesto. Lançou um olhar ao papagaio e ao cachorrinho de olhos suplicantes.

Afinal, a culpa não era sua de o vento carregar o papagaio de algum menino descuidado.

— Prometo, disse Omar, abaixando-se para desamarrar o cãozinho.

Mas, enquanto caminhava, levando-o pela corda, não se sentia tão feliz como imaginara, tendo um cachorrinho seu mesmo. Continuava pensando no papagaio e seu dono. Omar e o cãozinho atravessavam a avenida, quando avistou Ana, a irmã de Carlos, que correu para êle.

— O' Omar, Carlos perdeu aquele papagaio lindo! Êle estava no barracão trabalhando nêle e enquanto foi lá dentro buscar o novelão de linha, com certeza o vento carregou. Era lindo — amarelo, alaranjado e branco.

As palavras pareciam ferir o coração de Omar. Se êle contasse o caso do papagaio, teria de devolver o cão. De outro lado, sua conciência o acusava de ficar quieto. Pensava também em sua lealdade para com o colega.

— Eu sei, Ana, onde está o papagaio, tornou Omar. Venha comigo.

Omar pensou em dar primeiro o papagaio e depois falar a Jesuino que podia ficar de volta com o cachorro. Mas, tendo desembaraçado o papagaio dos galhos, Omar não encontrou nem Jesuino nem sua mãe na casa. Que fez? Amarrou nova-

mente o cachorrinho à cêrca onde estava; depois, abaixou-se e, acariciando suas costas magras, disse: "Todos os dias eu hei de lhe trazer alguma coisa para comer, mesmo que você não seja meu, sabe?

Uma hora depois Omar também estava no campo, entre a multidão, vendo os papagaios; o de Carlos subia, subia, mais alto que os outros. Minutos depois de começar, o papagaio de Jesuino, feito às pressas, enroscou e rasgou-se todo numa árvore. Logo mais Omar o viu triste ao lado da mãe.

— Olhe aquí, Jesuino, disse êle, descobri que aquele papagaio de seda era de Carlos.

— Quer dizer que você não cumpriu com sua palavra?

— Mas eu levei o cachorrinho de volta, explicou Omar.

— Então como é que êle está acompanhando você?

Omar virou-se e efetivamente viu o cãozinho, de corda ao pescoço, abrindo passagem; ao encontrar Omar, começou a lamber-lhe as mãos alegremente. Omar ficou vermelho involuntariamente.

— Ana estava comigo quando o amarrei na cêrca. Olhe lá Ana. Ela é testemunha.

Ana e o pai ouviram a conversa.

— E' sim, é verdade que êle devolveu o cachorrinho, confirmou a menina.

A mãe de Jesuino, que até então estivera calada, exclamou:

— Eu já não lhe disse para dar êsse cachorro, Jesuino? Não vê que êle come demais?

— Oh! Então eu posso ficar com êle? perguntou Omar, ansioso.

— Dou graças de achar quem o queira, disse ela. Mas você precisa comprar-lhe uma corrente e uma coleira, senão êle vai parar no tacho. E' por isso que êle anda amarrado — e como êle late! Mas eu não pude comprar-lhe coleira.

Omar abaixou-se e tomou o cachorrinho nos braços, dizendo: "Dinheiro para a coleira eu também não tenho, mas comida, você vai ter".

Estava aínda alizando o pescoço dêle, quando alguém lhe bateu no ombro. Era Carlos, acompanhado pelo pai e pela irmã.

— Ana me contou como você desistiu do cachorro para me salvar o papagaio, disse Carlos. Reconheço o seu caráter honesto. Terei imenso prazer em presentear seu cachorrinho com uma corrente e coleira.

Naquele dia dois meninos voltaram para casa satisfeitíssimos — um por ter ganho o prémio e outro por ter um cachorrinho para tôda a vida.

★

BRINQUEDOS E JOGOS

PASSARINHO VOA?

Sentam-se as crianças em círculo ou, se fôr no quintal, ficam de pé. No centro, quem dirige o brinquedo, pergunta em voz bem alta:

— Passarinho voa?
— Voa! gritam todos.
— Pomba voa?
— Voa!

Quando perguntar algum animal que não voa, devem ficar quietos. Assim:

— Bezerro voa?
— ....
— Cachorro voa?
— ....
— Abelha voa?
— Voa!

Quem gritar *voa* quando devia ficar quieto, paga prenda.

VAMOS TRABALHAR

Até já estou vendo as meninas correndo de lá para cá, procurando trazer tudo o que vamos usar. Já sei que querem fazer êste pegador tão bonitinho para dar a mamãe, não é?

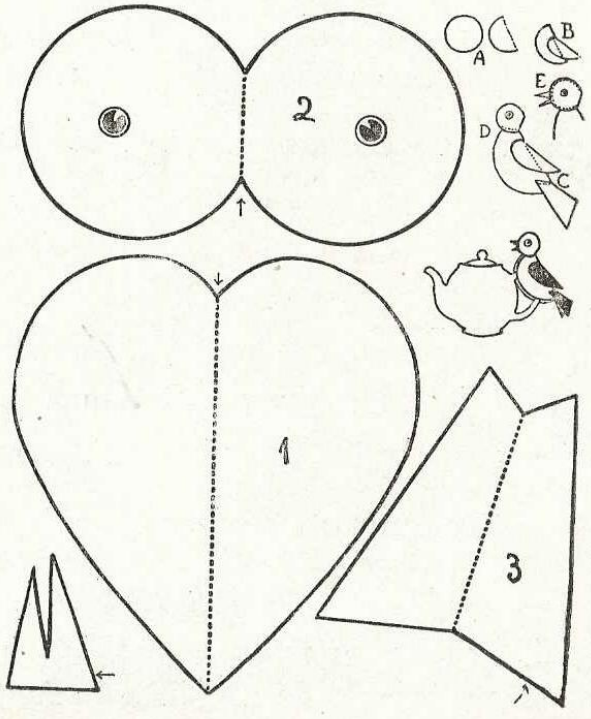
Então vamos.

Tragam retalhos (se fôrem de feltro, melhor) e um pouco de algodão. Isso! Agora vejam o retalho maior para cortarmos duas rodas de 18 cm. de diâmetro. Costurem êsses dois panos com linha da mesma côr para não aparecer e, antes de fechar por completo, encham de algodão (muito não) e deem uns pontos, de modo a ficar um acolchoadinho. Dobrando pelo meio, terão o corpo do passarinho. Agora o resto. Procurem entre os retalhos os que vão servir de asas, cabeça, rabo e bico e cortem bem igualzinho ao modêlo da revista. (Quem não fôr capaz, deve colar os modelos num papel mais grosso e prendê-los com alfinetes sôbre o pano, para depois cortar).

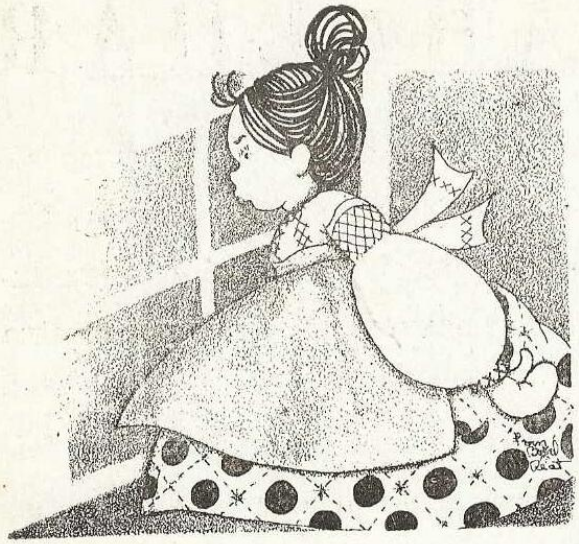
Uma vez cortados, dobrem a cabeça, as asas e o rabo, bem pelo meio, seguindo as linhas pontuados. Coloquem as asas sôbre o corpo já dobrado e alinhavem os dois na direção da linha pontuada do corpo (Fig. A e B). Dobrem o rabo e alinhavem sôbre o corpo como se vê na fig. C. Coloquem depois a cabeça em seu lugar, alinhavando-a, como nos mostra a fig. D. Falta aínda o bico. Isso vocês sabem onde devem pôr. Isto feito passem um alinhavo, como enfeite, em redor de todo o passarinho, como se vê na fig. E. Bordem os olhinhos e... pronto! À hora do chá ou do café, lá estará êle.

A boa combinação de côres tornará o segurador muito engraçadinho.

A linha pontuada da asa (n.º 1) deve medir 8 cm.; da cabeça (n.º 2) 2.5 cm.; do rabo (n.º 3) 4.5 cm. e o bico (n.º 4) 2 cm. de base.



Tica, o Aba



D. Cinira era uma senhora muito habilidosa que vivia de fazer abafadores para conservar os bules de chá e de café quentes. Fazia-os quasi sempre do formato de bonecas e punha-os na vitrina. Quasi todos eram vendidos ràpidamente, só Tica é que não teve a sorte de ser escolhida. Ninguém a queria. Pegavam nela e depois de a olharem, deixavam-na no mesmo lugar, levando outro abafador. E' que não apreciavam seu cabelo vermelho, erguido no alto da cabeça e nem o verde vivo de seus olhos e o vermelho do nariz. Não gostavam da combinação de côres de seu avental amarelo sôbre o vestidinho rosado com bolas rôxas. Coitadinha! Foi ficando enjoada de ficar alí na vitrina sempre a olhar para a mesma rua. O que mais a aborrecia era estar sem fazer nada, julgando-se inútil.

Uma noite d. Cinira se esqueceu de fechar a janela.

— Muito bem! Chegou a hora! exclamou Tica.

E, trepando na janela, foi-se embora, muito quietinha.

Tica andou a noite tôda, com a saínha feito balão. Quando amanheceu, ela estava longe, lá numa fazenda. Na frente havia um casarão e ao lado um cercado. O sol brilhava; bem-te-vis cantavam e um galo passeava no terreiro.

— Oh! Aquí é bem mais bonito do que na vitrina de d. Cinira! Acho que eu me daria bem com a vida na fazenda!

O portão do cercado estava aberto. Ela espiou e viu oito vacas esperando para serem ordenhadas.

— Bom dia, vacas! disse Tica alegremente.

— Moo! responderam as vacas, olhando-a demoradamente.

Tica foi entrando. O gado não lhe deu atenção, mas tôdas as galinhas pareceram assombradas. Dalí a pouco uma carijó gorda e pesadona veiu vindo.

— Bom dia, galinha! disse Tica, prazenteira.

— Bom dia, cacarejou ela, com delicadeza. Em que lhe posso servir?

— Agradecida. Penso que em nada. Estou apenas rondando por aquí. E' a primeira vez que visito uma fazenda e estou gostando imensamente.

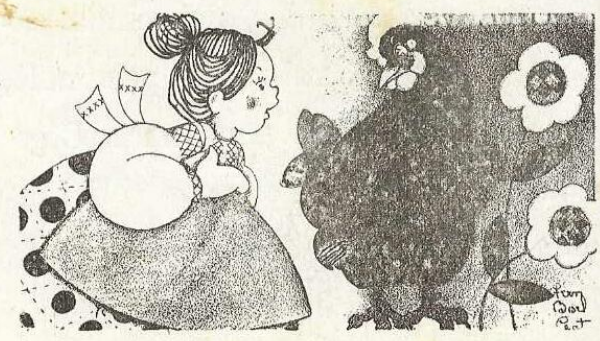
A galinha olhou, olhou, mexeu um pouco com o pescôço e afinal disse:

— Não querendo ser especula, quem é você?

— Eu sou um abafador, disse Tica, erguendo a saia para mostrar como seu corpo era grosso. Fui feita para ficar sôbre o bule de café ou de chá, evitando que se esfrie. Mas ninguém me quís comprar, então fugi. Cansei de ficar à amostra na vitrina de d. Cinira, sem fazer nada. Um abafador deve prestar para alguma coisa.

— Por aquí você encontrará muito o que fazer, disse a galinha. Há serviço a mais não querer.

— Que bom! respondeu Tica.



ador de Café

— Você é capaz de conservar um ovo quente? perguntou-lhe a galinha, olhando-a da cabeça aos pés.

— Não sei porque, pois é muito menor que um bule! disse Tica.

— Então venha comigo.

E a galinha levou-a a um canto escuro da casinha do galinheiro, onde havia um ninho. Tica pulou cuidadosamente sôbre êles e sentando-se, cobriu-os com sua sáia.

— Muito agradecida, disse a carijó. Faz semanas que estou deitada sôbre êsses ovos. Agora vou dar uma voltinha pelo terreiro e ciscar um pouco.

— Pode ir sossegada! replicou Tica satisfeitíssima.

A galinha passou o dia todo fora. Tica achou muito divertido esquentar aqueles ovos e observar as outras galinhas que entravam e saiam.

Durante o dia tirou uma soneca e quando acordou, estava escurecendo.

As galinhas já iam empoleirando. Nisso apareceu a carijó.

— Corra! gritou Tica. Por favor, corra!

— Que aconteceu? perguntou um tanto nervosa. Cansou-se de ficar aí, ou aconteceu alguma coisa?

— Sim, os ovos estão movendo-se! gritou Tica alarmada.

— Não é nada! São os pintinhos que afinal querem sair! explicou a carijó, com satisfação. Que bom, não goraram!

Justamente então um pintinho, que mais parecia uma bolinha de algodão, pôs a cabecita para fora da saia de Tica.

— Pip, pip, piou êle.

Tica ficou tão assustada que deu um pulo para fora do ninho. Os pintinhos iam-se esparramando, mas a galinha, com suas asas, reuniu-os todos.

— Fiquem aí quietinhos e durmam. Agora não posso incomodar-me com vocês.

Os coitadinhos se ajuntaram no ninho, tristes e tremendo de frio.

— Agradecida pelo auxílio, disse a galinha à Tica. Você pode agora, se quiser, ir dar um passeio. Mas eu, suponho precisar cuidar dêles.

— Você não gosta de cuidar dêles? perguntou Tica, muito espantada.

— Eu não! respondeu a carijó, contrariada. Os ovos nem eram meus! A mulher do fazendeiro pô-los no meu ninho, e pronto!

— Ora, replicou Tica, timidamente. Se você não fizer questão, eu mesma cuidarei dos pintinhos.

— Oh! Você quer? Pois com muito gôsto. Então, boa noite. Já estão por sua conta.

E a galinha foi-se embora. Tica voltou ao ninho e cobriu-os amorosamente com sua saínha. De vez em quando vinham uns piados fraquinhos, mas para aclamá-los, Tica disse:

— Durmam logo, que amanhã vamos dar um passeiozinho.

No dia seguinte, Tica e os pintinhos sairam no terreiro. As vacas, os galinhas, os porcos, todos, até o galo, olharam-nos com grande estupefação.

Foi essa a primeira e última vez que se viu um abafador abafar ovos e criar os pintinhos.

O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO V

A libertação do Lenhador de Latão.

Quando Dorita acordou, o sol ia alto e há bastante tempo Totó corria pela mata, atrás dos passarinhos e dos coelhos. A menina sentou-se e olhou em redor. O Espantalho estava aínda lá no canto, esperando pacientemente que ela acordasse.

— Precisamos procurar água, disse ela.

— Água para que? perguntou o Espantalho.

— Para lavar o meu rosto que está cheio de pó da estrada, e também para beber, senão êste pão sêco vai-me parar na garganta.

— Deve ser muito incômodo ser feito de carne e osso, disse o Espantalho, pensativo. Precisa-se dormir, comer e beber. Em todo o caso você tem inteligência e vale a pena aguentar muita massada para se poder pensar bem.

Sairam da choça e andaram de um lado para outro, até que finalmente encontraram uma nascente dágua clara e pura. Dorita sentou-se à beira dágua, lavou-se e almoçou. Na cesta só ficou um pedacinho de pão e a menina estimou que o Espantalho não precisasse comer, pois havia apenas o suficiente para ela e Totó se sustentarem por mais um dia.

Acabada a refeição, aprontava-se para voltar à estrada de ladrilhos amarelos, quando de repente ouviu um gemido.

— Que será? perguntou, medrosa.

— Não sei, disse o Espantalho, mas se quiser, poderemos ir ver.

Nisso ouviram outro gemido. O som parecia vir de perto. Voltaram-se. Tinham apenas dado alguns passos, quando Dorinha percebeu, entre o arvoredo, alguma coisa brilhando ao sol. Correu a ver o que era. Parou bruscamente, soltando uma exclamação.

Em frente a uma árvore tôda lascada, viu um homem inteirinho de latão, tendo nas mãos um machado erguido. Sua cabeça e membros tinham articulação, mas êle continuou imóvel, como que impossibilitado de se mover.

Dorita e o Espantalho fitavam-no perplexos, enquanto Totó latia e mordia-lhe as pernas, ferindo-se, a si mesmo, mais que ao inimigo.

— Foi você quem gemeu? perguntou Dorita.

— Fui eu, sim. Há mais dum ano que estou gemendo, e até agora ninguém me ouviu nem veiu socorrer.

— Como poderei aliviá-lo? perguntou docemente a menina, comovida com a voz triste do homem.

— Vá buscar uma azeiteira e derrame óleo nas minhas juntas, respondeu êle. Estão de tal modo enferrujadas que não posso fazer movimento algum. Logo que me untarem, ficarei bom. Sôbre a prateleira, na minha casa, deve haver uma azeiteira.

Dorita correu à choça onde pernoitara e logo depois voltou com a azeiteira, ansiosa por socorrer o homem de latão.

— Onde estão as suas juntas? perguntou.

— Primeiro ponha azeite no meu pescoço, pediu o Lenhador de Latão.

Dorita untou-lhe o pescoço e, por estar muito enferrujado, o Espantalho segurou-lhe a cabeça e, muito devagarinho, foi virando-a de um lado para outro até que as juntas, agora desenferrujadas, começaram a se mover perfeitamente.

— Agora unte as juntas dos meus braços, disse êle.

Dorita seguia as instruções do Homem de Latão, ajudada pelo Espantalho. Quando a ferrugem tôda saiu, o Lenhador de Latão deu um suspiro e abaixou o machado, encostando-o à árvore.

— Que alívio! exclamou êle. Desde que fiquei enferrujado estou segurando êste machado no ar. Como me sinto feliz em poder largar tamanho pêso! Façam o favor de azeitar minhas pernas, e assim ficarei completamente bom.

Esfregaram-lhe azeite nas pernas até que pôde movê-las à vontade. O homem de latão que parecia ser muito delicado, agradeceu aos bondosos libertadores o benefício recebido.

— Se vocês não tivessem passado por aquí, decerto eu teria ficado assim imóvel para sempre. Devo-lhes a minha vida. Que feliz acaso os trouxe aquí?

— Estamos a caminho da Cidade das Esmeraldas, onde vamos falar com o grande Oz, respondeu a menina. Passamos a noite na sua cabana.

— Por que querem falar com Oz? perguntou o Lenhador.

— Desejo que êle me ajude a voltar para minha terra e o Espantalho quer que êle lhe dê miolos, explicou Dorita.

O Lenhador de Latão pôs-se a refletir por alguns instantes. Em seguida ajuntou:

— Você acha que Oz me poderá dar um coração?

— Decerto, disse a menina. Não será mais difícil do que dar miolos ao Espantalho.

— E' verdade, tornou o Lenhador de Latão. Nesse caso, se consentirem, irei também à Cidade das Esmeraldas pedir auxílio a Oz.

— Pois então vamos, exclamou o Espantalho, entusiasmado.

Dorita demonstrou estar muito satisfeita por ter mais um companheiro de viagem. O Lenhador de Latão pôs o machado ao ombro e todos seguiram em direção à estrada de tijolos amarelos.

O Lenhador, cauteloso agora, pediu que Dorita pusesse na cesta a azeiteira, para não se enferrujar novamente, caso chovesse.

Foi uma felicidade terem feito amizade com êsse novo amigo. Logo no princípio da jornada chegaram a um lugar onde as árvores cresciam tão juntas e os galhos se entrelaçavam de tal maneira que a passagem se tornava impossível. O Lenhador de Latão, porém, atacou resolutamente as árvores com seu machado, abrindo uma picada por onde todos puderam passar.

Dorita caminhava tão absorvida em seus pensamentos que nem sequer reparou que o Espantalho havia tropeçado num barranco e rolado pelo chão. Êle precisou chamar pela menina, para que ela o ajudasse a levantar-se.

— Por que não rodeou o buraco? perguntou o Lenhador.

— Porque não sabia que era preciso fazê-lo, respondeu o Espantalho, sempre risonho. Você sabe que minha cabeça está cheia de palha e é por isso que vou pedir miolos a Oz.

— Sei, sim, disse o Lenhador de Latão, mas, afinal, a inteligência não é a coisa mais preciosa da vida.

— Você tem inteligência? perguntou o Espantalho.

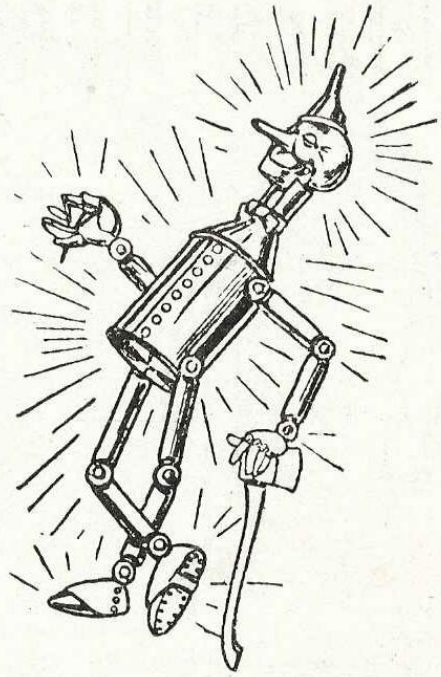
— Não, minha cabeça é completamente oca, respondeu o Lenhador; mas houve tempo em que tive miolos e também coração e, tendo experimentado ambos, prefiro o coração.

— Por que?

— Vou contar-lhes a minha história então.

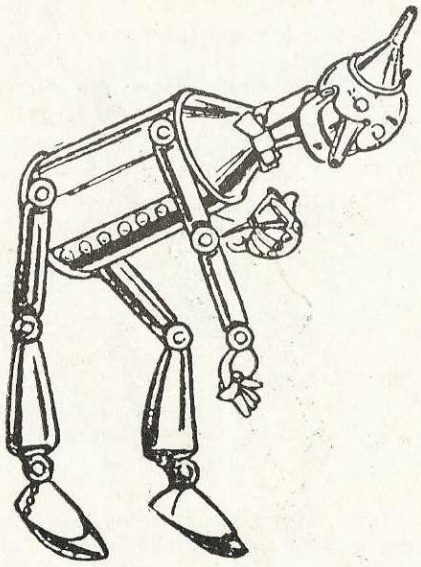
Enquanto atravessavam a floresta, o Lenhador de Latão narrou-lhes o seguinte:

— Sou filho dum lenhador que cortava árvores na floresta e vendia a lenha para sustentar-se. Logo que me tornei homem, também fiquei sendo lenhador. Tendo falecido meu pai, cuidei de minha velha mãe durante seus últimos anos de vida. Quando ela morreu, resolvi casar-me para não ficar sòzinho no mundo.



Havia entre os munchilenos uma moça linda por quem me apaixonei. Ela prometeu casar-se comigo, logo que eu tivesse dinheiro suficiente para construir uma casa boa para morarmos. Então, entreguei-me ao trabalho com tôdas as minhas fôrças. Infelizmente minha noiva morava com uma velha muito preguiçosa, que não queria por nada o casamento dela, para ter quem fizesse o serviço de sua casa. A velha foi ter com a Bruxa de Leste, a quem prometeu dois carneiros e uma vaca, se impedisse o nosso casamento. A Bruxa, gostando da oferta, encantou o meu machado. Um dia, quando ansioso por construir a nova morada e casar-me, o machado escorregou-me das mãos quando rachava lenha e cortou-me a perna esquerda.

A princípio o desastre pareceu-me ser muito grave, pois sabia que um lenhador côxo pouco serviço podia fazer, mas fui ter com um latoeiro muito hábil e êle me fez uma perna nova, de latão. A perna movia-se bem e logo me acostumei com ela. A Bruxa de Leste, ao saber do arranjo que dei, ficou furiosa, pois havia prometido à velha impedir meu casamento com a linda munchilena. Estando eu novamente a cortar árvores, o machado mais um vez escorregou-me das mãos e cortou minha perna direita. Voltei ao latoeiro e êle me fez outra perna de latão. Pouco tempo depois o machado, sempre encantado, cortou-me um braço, depois o outro; todavia tais contratempos não me de-



sanimaram; substituí-os por braços de latão. Depois a Bruxa fez com que o machado me cortasse a cabeça. Pensei que ia morrer. Felizmente o latoeiro ia passando e, vendo-me, fez-me nova cabeça.

Julguei estar vencido o encantamento da Bruxa e dediquei-me ao trabalho com afinco. Não conhecia, porém, a crueldade de minha inimiga. A malvada se lembrou duma nova maneira de abafar o meu amor pela linda munchilena: fêz o machado escorregar novamente, cortando-me o corpo em dois. Foi aínda o latoeiro quem me valeu. Juntos, fizemos um corpo de latão. Unimos os membros ao corpo por meio de articulações, de modo que eu podia fazer qualquer movimento. Mas ai... ai, que tristeza! Já não tinha coração! Perdí todo o amor que sentia pela linda munchilena e não pensei mais em me casar com ela. Talvez ela aínda esteja em casa da velha, à minha espera.

Meu corpo de latão brilhava tanto ao sol que me senti orgulhoso. Já não mais temia o machado, pois não havia em mim o que cortar. Havia uma só coisa a recear: era que minhas juntas se enferrujassem; mas em casa eu tinha azeite e me untava sempre que achava necessário. Um dia, porém, esqueci-me de levá-lo comigo e, estando no mato, caiu uma forte pancada de chuva. Quando me lembrei do perigo que corria, era já tarde, pois minhas juntas estavam enferrujadas. E lá fiquei eu, imóvel no meio da floresta, até que vocês bondosamente me socorreram. Sofrí horrìvelmente, mas durante aquele ano tive tempo para refletir. Compreendi que a maior perda que havia sofrido fôra a do coração. Enquanto eu amava, fui o homem mais feliz do mundo. E' impossível amar sem ter coração; por isso estou resolvido a pedir um a Oz. Se êle me atender, voltarei para casar-me com a linda munchilena.

Tanto Dorita como o Espantalho acharam muito interessante a história do Lenhador de Latão e compreenderam seu grande desejo de obter um novo coração.

— A-pesar-de tudo, disse o Espantalho. pedirei a Oz que me dê miolos. Um tolo não saberia o que fazer com o coração.

— Eu escôlho o coração, tornou o Lenhador de Latão, porque a inteligência não dá felicidade, e a felicidade é a melhor coisa do mundo.

Dorita não deu sua opinião, porque aínda não tinha experiência. Pouco se lhe dava que o Espantalho não tivesse miolos ou o Lenhador, coração; o que ela queria era voltar para junto da tia Ema.

Restava-lhe apenas um pedacinho de pão, que dava sòmente para uma refeição sua e de Totó. Êles, não sendo de latão nem de palha, não podiam passar sem comer, como faziam o Espantalho e o Lenhador.

CAPíTULO VI

O leão covarde.

Dorita e os seus companheiros continuaram a atravessar o mato cerrado. Os mesmos tijolos amarelos aínda calçavam a estrada, mas havia nela tal porção de fôlhas sêcas e galhos caídos que quasi não podiam andar.

Nesta parte da floresta, havia poucos passarinhos, porque êles gostam de lugares abertos, onde haja bastante sol. Ouviam-se, às vezes, os surdos rugidos de alguma fera escondida por entre o arvoredo. Dorita não sabia o que significavam êsses rugidos sinistros, mas um vago terror lhe enchia o coração. Totó, que adivinhava quem soltava êsses uivos, chegava-se medroso e tremendo para o lado da menina, com o rabo por entre as pernas.

— Aínda nos custará muito para sairmos desta floresta? perguntou Dorita ao Lenhador de Latão.

— Não sei, nunca fui à Cidade das Esmeraldas. Uma vez, quando eu era menino, meu pai esteve lá e me disse que era uma viagem longa, através de lugares perigosos, embora, perto da cidade onde Oz mora o país seja lindo. Por mim, nada tenho a temer enquanto não perder a azeiteira; quanto ao Espantalho, não há nada que o machuque e você traz na testa o sinal do beijo da boa fada, o que é uma proteção contra qualquer mal.

— Mas Totó, disse a menina, aflita, quem o há de proteger?

— Em caso de perigo, nós todos cuidaremos dêle, disse o Lenhador.

Mal havia pronunciado essas palavras, quando um rugido terrível, vindo da floresta, se fez ouvir, e um enorme Leão saltou para o meio da estrada. Com uma patada fez o Espantalho rolar longe. Em seguida, com suas garras afiadas, arranhou o Lenhador de Latão. O Leão se espantou ao ver que, embora o Lenhador caísse no chão, imóvel, o golpe não deixara nem sinal.

Totó, vendo o Leão diante de si, latindo, investiu corajosamente para êle. A enorme fera abriu a bôca para o morder, mas Dorita, temendo que Totó fôsse morto, esqueceu-se do perigo e precipitou-se entre os dois animais. Bateu com fôrça no focinho do Leão, gritando ao mesmo tempo:

— Não se atreva a morder Totó! Um bicho tão grande como você devia ter vergonha de morder o coitado dum cachorrinho!

— Não mordi, disse o Leão, esfregando, com a pata, o focinho dolorido da pancada que recebera.

— Mas quís mordê-lo, retorquiu a menina. Você é um grandissíssimo covarde.

— Sou mesmo, tornou o Leão, abaixando a cabeça, envergonhado. Sempre o fui. Mas que hei-de fazer?

— Eu sei lá! Onde já se viu bater num homem de palha, como o coitado do Espantalho?

— Então êle é feito de palha? perguntou o Leão, muito admirado, enquanto seguia com os olhos a menina, que levantava o Espantalho e afofava-lhe a palha para restituir-lhe a forma.

— Está-se vendo que é, replicou Dorita, aínda zangada.

— Então foi por isso que o derrubei com tanta facilidade, observou o Leão. Espantei-me ao vê-lo rolar daquela maneira. Aquele outro também é de palha?

— Não; é feito de latão, disse Dorita, ajudando o Lenhador a levantar-se.

— Ah! Então foi por isso que quasi me quebrou as pontas das garras, disse o Leão. Quando arranhei a lata, senti um arrepio de frio correr-me pelas costas. Que animalzinho é aquele, do qual você tem tanto cuidado?

— E' um cachorrinho que se chama Totó.

— E' também feito de latão ou palha?

— Não é feito nem de uma, nem de outra coisa. E' um, um... um... cachorro de carne, disse Dorita.

— Ah! E' um animal interessante! Agora estou reparando como é pequenino! Só mesmo um covarde como eu pensaria em morder um animal dêsse tamanho, confessou o Leão, quasi chorando.

— Por que é que você é tão covarde? perguntou a menina, fitando admirada a enorme fera, que tinha o tamanho dum cavalo pequeno.

— E' um mistério, respondeu o Leão. Decerto nasci assim. Todos os animais da floresta pensam que sou muito corajoso porque o Leão é sempre tido como o Rei dos Animais. Não tardei a descobrir que quando rugia com muita fôrça, todos se assustavam e fugiam de mim. Tôdas as vezes que me encontro com um homem, fico a tremer de mêdo, mas, se dou um rugido, êle foge. Se os elefantes, os tigres e os ursos viessem brigar comigo, eu seria o primeiro a fugir, pois sou covarde; mas logo que ouvem meus rugidos, tratam de se pôr a salvo e eu, naturalmente, deixo-os à vontade.

— Mas isso é uma vergonha! O Rei dos Animais não pode ser covarde, disse o Espantalho.

— Bem sei, tornou o Leão, enxugando uma lágrima com a ponta do rabo. Essa minha covardia é o meu desgôsto. Tôdas as vezes que algum perigo se aproxima, meu coração começa a bater desesperadamente.

— Talvez você sofra do coração, lembrou o Lenhador de Latão.

— Quem sabe? tornou o Leão.

— Se de fato sofre, continuou o Lenhador, deve ficar muito satisfeito, pois isso prova que você tem coração. Eu, por exemplo, por não o ter, não posso sofrer do coração.

— Se eu não tivesse coração, talvez não fôsse tão medroso, disse o Leão, satisfeito.

— Você tem miolos? indagou o Espantalho.

— Creio que sim, mas nunca os vi.

— Vou pedir ao grande Oz que me dê miolos, disse o Espantalho, porque dentro de minha cabeça só há palha.

— Pois eu, disse o Lenhador, vou pedir-lhe um coração.

— E eu, que me faça voltar com Totó para nossa terra, acrescentou Dorita.

— Vocês acham que Oz pode dar-me coragem? perguntou o Leão Covarde.

— Será tão fácil como dar-me miolos, disse o Espantalho.

— Ou dar-me um coração, ajuntou o Lenhador de Latão.

— Ou mandar-me outra vez para minha terra, concluiu Dorita.

— Pois, se não fazem questão, irei com vocês, disse o Leão. Sem ter um bocadinho de coragem, minha vida é um tormento contínuo.

— Para nós será muito bom, respondeu Dorita, pois nos ajudará a espantar os animais que nos quiserem atacar. Parece-nos que devem ser mais covardes

aínda do que você, si se deixam assustar tão fàcilmente.

— São mesmo, disse o Leão, mas isso não aumenta a minha coragem, e enquanto fôr medroso, não poderei ser feliz.

Com isso, o pequeno grupo continuou a viagem. O Leão caminhava majestosamente ao lado de Dorita. A princípio Totó resmungou contra o novo companheiro, porque lembrava daquela enorme bôca aberta para o morder. Êsse ressentimento foi passageiro e dentro em pouco, Totó e o Leão Covarde eram bons amigos.

O dia passou sem que outro incidente viesse perturbar o prosseguimento da jornada. E' verdade, o Lenhador de Latão, sem querer, pisou num besouro que seguia tranquilamente pela estrada, matando o pobrezinho. Êsse desastre entristeceu muito o bondoso Lenhador, que sempre evitava causar sofrimento a quem quer que fôsse. Derramou algumas lágrimas sentidas, que rolaram vagarosamente pela face e que, passando pelas juntas do queixo, enferrujaram-nas. Passados alguns minutos, Dorita fez-lhe uma pergunta, mas êle não respondeu por não poder abrir a bôca. Percebendo o que acontecera, o homem de latão ficou muito assustado e, por meio de sinais, pediu a Dorita socorrê-lo, mas a menina não o compreendeu. O Leão também ficou embaraçado sem saber o que tinha acontecido ao Lenhador de Latão. Nisso, o Espantalho, que percebera a coisa, tirou a azeiteira da cesta de Dorita e untou as molas do queixo do Lenhador, que daí a pouco começou a falar com todo o desembaraço.

— Isto me serviu de lição. Devo olhar onde piso. Se eu matar outro besouro ou outro bichinho qualquer, sem dúvida tornarei a chorar e ai do meu queixo!

Daí em diante o Lenhador andou com muito cuidado, sempre com olhos fitos na estrada e, quando via alguma formiga pequenina, saltava por cima. Como o Lenhador de Latão sabia não ter coração, tomava muito cuidado para não ser mau.

— Vocês têm um coração e isso lhes serve de guia, mas eu não. Por isso preciso ter cautela. Quando Oz me der um, então, viverei sossegado.

(Continua).

★ ★ ★

A ESCOLA EXPLICADA AOS PAIS

DR. MOYSÉS X. DE ARAUJO
Prof. de Psicologia do Instituto de Educação.

A escola explicada aos pais? — Perfeitamente.

As escolas têm sofrido nos últimos anos modificações tão profundas que muitas pessoas cultas e inteligente, positivamente **não compreendem** a escola de hoje. E, porque não a compreendem, **julgam mal** os resultados do trabalho escolar, ou intervêm no trabalho das crianças — na melhor das intenções.

E' claro que nós não pretendemos fornecer aos pais diplomas de professores... Não se pode negar, entretanto, que os pais têm necessidade de um mínimo de noções sôbre os **objetivos e ideais** da escola atual e **dos fundamentos** científicos dos seus métodos e processos.

* * *

Vale a pena dizer, desde o início, que muita coisa daquilo que se chama "escola nova" não tem novidade nenhuma. Luta-se aínda hoje para introduzir em algumas escolas "novidades" de um século e meio. Querem um exemplo? O ensino da leitura às crianças analfabetas pelo chamado método global (começando por frases inteiras e palavras e não por letras e sílabas) foi preconizado no século XVIII por Nicolas Adam e em palavras que poderiam ser subscritas quasi que sem restrição nenhuma pelos educadores modernos. O que faltava a Nicolas Adam era o **conhecimento científico das bases** dos processos por êle recomendados num lampe-

jo de intuição genial. E esta é exatamente a contribuição da nossa época: o estudo científico da criança, da sua "lógica" especial, (1) da sua maneira de aprender, veio nos mostrar porque Nicolas Adam tinha razão.

* * *

A escola de outrora se preocupava essencialmente com a aquisição de **conhecimentos.** A escola era boa quando os alunos **sabiam muitas coisas.** "Saber muita coisa" era conhecer fatos **descritos nos livros** de gramática, aritmética, história, geografia, etc.

A escola de hoje discute antes de mais nada o valor dêsses **conhecimentos livrescos.** Por que as crianças devem "aprender" as regras da gramática, os nomes dos cabos, pontas, ilhas e baías, as datas das diversas batalhas, etc.?

Um exame sério da questão mostra que êsses conhecimentos valem realmente muito pouco. O que importa não é conhecer as regras da gramática, mas possuir uma capacidade de expressão correta mediante a palavra falada ou escrita. Êsse desembaraço e essa correção da linguágem a criança adquire através do **hábito da leitura,** do **hábito da discussão** (reuniões de alunos, clubes, etc.) de **uso frequente e prazeiroso da escrita** (jornal escolar, correspondência inter-escolar). Assim como se aprende a nadar nadando, a escola de hoje pretende que as crianças aprendam a falar, a discutir, a conversar, a redigir, — falando, discutindo, conversando, redigindo, porém, fazendo tudo isso em uma situação "vivída" com interêsse e entusiasmo. Isso significa que os exercícios de falar, conversar, discutir, redigir, precisam de ser "motivados", isto é, precisam de corresponder a uma **finalidade** desejada pelas crianças.

Vê-se, pois, que a escola assim compreendida perde o seu artificialismo e se transforma num ambiente natural de vida sadia e feliz.

* * *

Mas não são sòmente os **hábitos úteis e desejáveis** e os **conhecimentos** que a escola procura desenvolver e cultivar. Muito interessa aos educadores modernos a formação de certas "atitudes" (propósitos, ideais, etc.).

Os professores antigos também se preocupavam com o problema (a "formação do caráter", da "moralidade", do "civismo"). Erravam, porém, em supor que essas atitudes se aprendessem através de "lições" ou de "máximas morais".

A carta de A. B. C. (2) trazia na sua última página uma coleção dessas máximas destinadas a operar o milagre da transformação de uma criança ativa, transbordante de energia vital, expansiva e alacre, em uma pessoa séria, metódica, comedida e sisuda. "A preguiça é a chave da pobreza". "O que não ouve conselhos raras vêzes acerta". "A instrução é o adôrno do rico e a riqueza do pobre"... — Não poucas vezes, o professor, numa aula de moral, berrava **impaciente** para os alunos que não haviam aprendido a lição sôbre a paciência, a cordura e a tolerância...

Para os educadores modernos a educação moral, social e cívica consiste essencialmente na formação de certos **hábitos** (os quais não se adquirem através de **frases** mas pela **prática** real nas mais variadas situações: na aula, no recreio, na biblioteca escolar, na rua, em casa). Aprende-se moral praticando, como se aprende tênis ou futebol.

Atitudes, propósitos e ideais cultivam-se mediante o **estímulo agradável da prática correspondente.** Aprende-se a gostar de aritmética, resolvendo problemas **interessantes** de aritmética. Aprende-se a gostar da escola quando a escola é um ambiente amável em si mesma e por si mesma.

* * *

Bem se vê como tudo isso é mais importante do que os afluentes da margem direita do S. Francisco.

Não podemos evidentemente julgar a escola de hoje senão através dos seus objetivos. A escola antiga se propunha ensinar a vida pelos livros; a escola de hoje pretende ensinar as crianças a viver, vivendo. Mais do que isso: vivendo e achando a vida uma coisa amável.

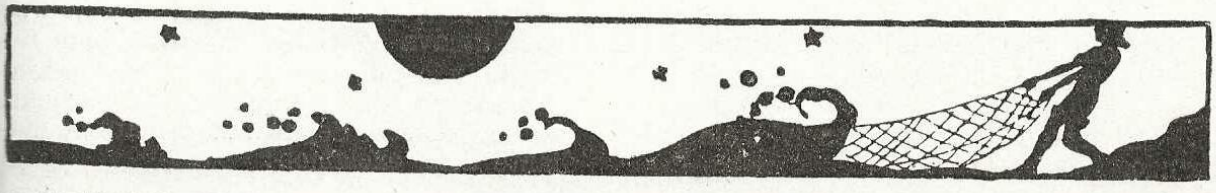
Leitora paciente e benévola: se o seu filhinho gosta da escola, é quasi certo que a escola é boa!

---

(1) V. nosso artigo no último número de "Criança".

(2) Refiro-me à que usei "na aurora da minha vida".

Extr. de "Criança".



MÃE ADOTIVA

O PERIGO DUM ATO IRREFLETIDO.

Daví ficou branco de raiva ao arranjar a bolsa de livros. Faltava a caneta-tinteiro, que seu pai lhe dera de presente no dia de seus anos. Os livros, cadernos e lapis estavam como tinha deixado, mas a caneta, nada!

Ficou nervoso. Arrancou os livros da bolsa, empilhou-os sôbre a carteira, remexeu tudo; de caneta, nem sombra! E faltava também seu mata-borrão verde, novinho.

Passou nervosamente os dedos pelos cabelos em desalinho, olhou pela sala vazia. E agora? Pretendia aproveitar os últimos minutos do recreio para fazer uma conta de álgebra; mas já nem pensava no problema. Queria era a caneta. Quem te-la-ia tirado?

Lembrava-se de ter escrito com ela na aula de geografia; só podiam tê-la tirado durante o recreio.

— Que brincadeira sem graça! dizia Daví.

Olhou na carteira de Clélia. Talvez fôsse ela. Eram vizinhos e viviam emprestando coisas um do outro. Correu para o recreio, e chamou. Clélia parou de jogar peteca e foi ver o que o colega queria.

— Clélia, você usou minha caneta?

— Eu, não; se eu usasse ter-lhe-ia pedido. Por que? Sumiu?

— Não sei que é dela. Coitado de quem a tirou!

— Não fique assim bravo, Daví. Quem emprestou há-de devolver.

— Tomara.

— Você já perguntou ao Rafael?

— E' mesmo! Vou falar com êle.

Rafael estava acabando de comer a merenda quando chegou Daví. A resposta foi a mesma de Clélia. Perguntou a outros colegas, mas ninguém tinha visto a caneta-tinteiro dêle.

Daví sentou-se num banco do recreio, contrariadíssimo. Clélia aproximou-se dêle e disse:

— Você procurou bem, Daví? Quem sabe caiu no chão. Vamos, vou com você olhar de novo.

Foram. No chão, nada. Olhou dentro da carteira. Sorriu enquanto tirava de lá a caneta.

— Acho que você não procurou bem.

Daví olhou espantado.

— Impossível! Eu tirei tudo, de um em um.

— E deixou a caneta, concluiu ela caçoando.

— Mas ela não estava aí. Com certeza quem tirou, trouxe enquanto fui falar com você.

— E' um mistério que não sei resolver, mas seja como fôr, você já está de posse dela.

Depois das aulas Daví voltava na companhia de Lucas e Rafael. Quando se separou dêles avistou Clélia no quarteirão seguinte e apertou o passo para alcançá-la.

— Veja, exclamou, tirando dum livro o mata-borrão verde, já usado; veja, acho que por aquí podemos descobrir quem foi, pois êle estava limpinho e agora apresenta umas escritas.

Clélia examinou o mata-borrão. Não seria difícil descobrir. Era uma caligrafia desembaraçada e a assinatura estava bem clara.

— Você é esperta, hein? Parece Oscar.

— E é mesmo !Foi o Oscar!

Assim conversando, chegaram à casa de Clélia que disse:

— Vamos ver se não há engano. Entre.

Daví estava aturdido.

— Como você vai descobrir com certeza?

— Entre que eu mostro.

Entraram. Clélia correu para a mãe que estava costurando e deu-lhe um beijo. Daví tirou o boné e cumprimentou-a amàvelmente, ao que d. Elisa respondeu com um sorriso.

— Como vai, Daví? perguntou com voz amiga.

— Bem, obrigado.

D. Elisa prosseguiu, dirigindo-se à filha:

— Fritei uns bolinhos para o café. Será que vocês querem provar?

— O' mãezinha boa!

Depois encheu dois copos de leite, um para ela, outro para Daví.

D. Elisa saiu logo para cuidar do jantar.

— Como sua mãe é boa! observou Daví.

— Melhor, impossíevl, respondeu a menina, com um ligeiro tremor nos lábios.

Aquilo muito impressionava Daví. Tôdas as vezes que fazia alguma referência à mãe de Clélia, seus olhos tomavam uma expressão diferente, como se quisesse chorar. Mas Daví sabia perfeitamente que Clélia amava sua mãezinha querida.

Para não despertar comentário correu a buscar um espêlho que estava dependurado na parede. Segurando o mata-borrão diante dêle, exclamou:

— Viu como é que se lê? No mata-borrão tudo está invertido, mas o espêlho endireita.

Daví largou o copo de leite e deu um pulo para ver.

— E' o Oscar mesmo! disse ela. Depois não conteve uma exclamação de surpresa e compaixão.

— O' Daví, que judiação!

Daví com algum esfôrço pôde ler o que Clélia vira:

"A senhora e o senhor deviam ter-me contado que não sou seu filho. Vou-me embora e não precisam procurar-me. Oscar."

— Que? Será que Oscar é filho adotivo?

Desta vez não havia negar. Os olhos de Clélia encheram-se de lágrimas.

— Parece, respondeu. Oh! que choque! Com certeza Oscar descobriu que é filho adotivo.

— Ora, continuou Daví, mas isso não é para desesperar. Tantas crianças são adotadas.

— Você não compreende, disse a menina, aínda com os olhos húmidos. Precisamos procurar Oscar antes que êle faça alguma loucura.

— Eu também acho, mas onde encontrá-lo?

— Vamos analisar o caso. Com certeza alguém contou ou êle ouviu alguma coisa que o deixou desconfiado. E' provável que tenha sido ontem. Tôda esta manhã êle remoeu o caso e — lembre-se, duas vêzes a professora o chamou e êle nem sabia de que se tratava.

— Sim, foi na aula de história.

— Êle estava tão triste no recreio, continuou Clélia, que nem tomou lanche. E resolveu desaparecer. Com certeza foi à sala e escreveu êste bilhete aos pais.

— Lembro-me que êle quebrou a pena pouco antes do recreio.

— Eu também o vi quebrar. Foi por isso que usou a sua e o mata-borrão. Depois fugiu.

— Para onde será?

— Para onde você se dirigiria se pensasse em fugir?

Daví sorriu francamente:

— Acho que não seria tão bobo assim. Mas se tivesse tal idéia, iria à estação pegar o trem para sair da cidade o mais depressa possível.

— Isso se você tivesse dinheiro para a passagem, emendou Clélia. Se possuisse apenas os $500, de lanche, aposto que tomaria o ônibus ou a jardineira.

— Já sei, disse Daví, dê-me licença de falar no telefônio.

E, procurando no livro o número, ligou para a casa dêle, dizendo querer falar com Oscar.

— Aínda não chegou da escola, foi a resposta.

— Acho que o melhor é eu ir à estação, lembrou Daví. Vou de bicicleta.

— Eu também vou, tornou Clélia.

— Sòzinho ando mais depressa, disse Daví.

Novamente aquela expressão se estampou nos olhos de Clélia. E disse:

— Mas de qualquer jeito eu vou, Daví, tenho uma razão especial.

Clélia pediu licença à mãe; Daví também a obteve da sua, e foram.

— Temos aínda 45 minutos, anunciou ela.

Daví não imaginava que razão especial seria essa, mas correu quanto pôde, certo de que alguma coisa havia.

Chegaram à estação. Entraram apressados. Lá na ponta dum banco, olhos cravados no chão, estava o Oscar. Ao vê-los teve ímpetos de correr, mas antes de poder levantar-se os dois sentaram-se, um de cada lado dêle.

Em voz baixa Daví explicou-lhe como vieram a saber de suas intenções.

— Bem, disse êle, abrasado, vocês não me façam desistir. Eu..... eu sempre pensei que papai e mamãe fôssem os meus pais de verdade. E agora...

A voz embargou-lhe, não pôde continuar. Oscar era um menino de boa aparência — cabelos crespos e pretos, bôca bem feita onde sempre se via um sorriso. Nêsse dia, entretanto, estava triste e seus olhos castanhos não escondiam a dôr íntima.

— Você não acha, Oscar, disse Clélia, que seu pai e sua mãe não o teriam adotado se não fôsse o amor que lhe tinham?

— Ah! mas eu não vou morar com... com estranhos! respondeu Oscar, revoltado.

— Mas até ontem não eram estranhos, tornou Daví.

— E' que ontem aínda não sabia que eu era um filho adotivo.

— Talvez quem lhe contou, tenha-se enganado, sugeriu Clélia.

— Não houve engano. Fui eu mesmo que descobri os papeis de adopção dentro da Bíblia, ontem à noite. Oscar Leite de Campos — só pode ser eu!

Daví não sabia o que dizer, mas Clélia interrompeu-o:

— Mamãe sempre diz que se a água duma nascente fôr suja, o regato também o será. E êsse será o caminho se você começar com pensamentos pessimistas. Você embaciará tôdas as coisas belas e brilhantes da vida. Eu acho que não há nada mais bonito do que ter um pai e uma mãe que tanto nos amam a ponto de nos tomar como seus filhos.

— Vocês dois não sabem o que falam, retorquiu Oscar; não compreendem a dor

de quem descobre não serem seus pais, os pais verdadeiros.

— Compreendo melhor do que você pensa, disse Clélia, convicta.

— Como assim? perguntou Oscar.

Os olhos de Clélia imediatamente tomaram aquela mesma expressão que encabulava Daví.

— Porque eu tenho uma mãe adotiva, respondeu ela.

— Você? repetiu Oscar assustado.

— Agora começo a compreender porque você parece querer chorar quando digo que sua mãe é tão boa, disse Daví.

— E'? Com certeza é porque eu me sinto tão bem em saber que tenho alguém tal qual mamãe. Ela é a melhor mãe do mundo.

Oscar não podia acreditar e perguntou novamente:

— Você está falando sério? Você é mesmo filha adotiva?

Clélia sorriu.

— Sim, sou, só que eu digo de outro jeito. Penso que ela é que é minha mãe adotiva. Porque se fôsse escolher uma entre tôdas as mães do mundo, escolheria por certo a minha mãezinha. Você não adotaria a sua?

Oscar refletiu por alguns momentos e disse:

— Sem dúvida.

— Então, tornou Daví, por que você queria fugir?.

— E' mais pelo abalo, apressou-se Clélia em dizer. Para mim não foi. Mamãe sempre fala que ela me adotou porque me queria muito bem. Isso ela me conta desde pequenina.

— Concordo, tornou Oscar, mas por que meus pais não me falaram?

Daví percebeu que a idéia que Oscar tinha de fugir já quasi havia desaparecido. Por isso, levantando-se, disse:

Vamos para casa com Oscar: já não há mais necessidade de embarcar, uma vez que escolheria os mesmos pais que tem.

Oscar não fez objeção, mas acompanhou-os calado. Chegando à sua casa, disse:

— Fico-lhes realmente agradecido pelas palavras animadoras e carinhosas que me dirigiram. Aprecio-os por me haverem impedido de fazer uma bobagem.

— Eu sei avaliar o que você passou, disse Clélia.

— Vou mostrar-lhes os papéis que encontrei, isto é, se quiserem ver.

— Com muito gôsto, disse Daví.

Oscar entrou no escritório e tirou da Bíblia um papel já amarelado.

— Vejam, disse êle. Fala alguma coisa sôbre eu ser legalmente adotado. E alí está o meu nome. Oscar Leite de Campos.

Daví examinou os papéis com indizível curiosidade, mas de repente seu rosto se iluminou.

— Você não parece ter 25 anos, Oscar!

Oscar franziu a testa e perguntou:

— Vinte a cinco anos, eu? Capaz! Tenho apenas 14.

— Ora, Daví, tornou Clélia, como pode êle ter 25 anos?

— Tem de ter, insistiu Daví. Veja a data em que êle foi adotado, 1915; estamos em 1940, faz, portanto, 25 anos; e se por essa ocasião êle já tivesse um ou dois anos, então terá agora vinte e seis ou sete.

Os olhos de Oscar arregalaram tanto...

— Não tinha reparado na data! Há algum engano. Qualquer um vê num segundo que não tenho mais que 14.

— Mas onde já se viu fazer um êrro de 11 anos numa certidão, exclamou Clélia.

Daví achou graça e caçoou:

— Sim senhor, então nos vem enganando a idade, hein? Vinte e seis ou vinte e sete, no duro! Imagine!

— Você está louco, Daví. Com vinte e seis anos eu seria muito maior e já teria barba! Mas o nome é o meu. Contudo, não pode ser minha certidão.

— Mas isso eu vi incontinenti, disse Daví, aínda rindo. Seus pais adotaram algum menino com êsse nome, não há dúvida, mas não quer dizer que foi você. Conclue-se que provàvelmente o filho adotivo não é você.

Os olhos de Oscar brilharam.

— Olhe, pode ser como você diz. Mas quem teria o nome igualzinho ao meu?

— Isso não sei. Seus irmãos mais velhos são Ovídio e Osmar, não são? Bem, pode ser que depois da adopção dêsse menino com o seu nome os pais dêle tenham aparecido. Por que não pergunta a sua mãe?

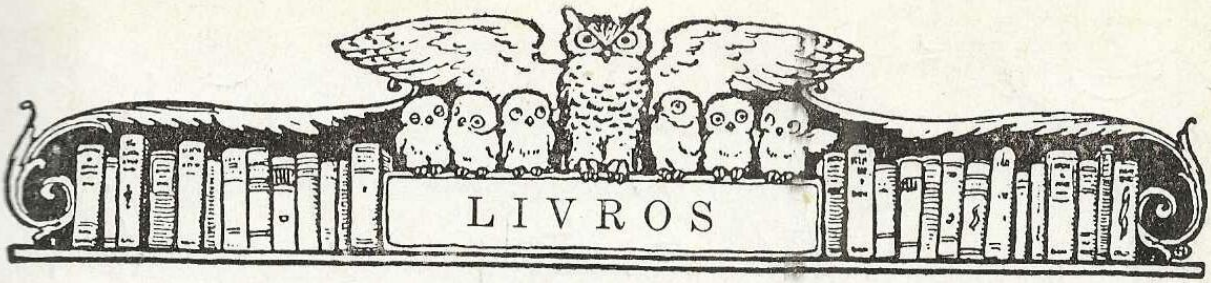
— Isso mesmo! exclamou Oscar, correndo para dentro.

Longo tempo se passou antes de Oscar voltar. Mas quando de novo entrou no escritório, seu semblante era outro.

— Você tinha razão, Daví! Papai e mamãe adotaram um menino há 25 anos. Pensavam que os pais dêle haviam morrido num naufrágio. Descobriram depois que foram salvos numa ilha, quasi sem comunicação. Procuraram o filhinho Oscar e quiseram-no de volta; então papai e mamãe lhes restituiram o menino, embora o estimassem muito. Um ano depois, nascí e puseram em mim o nome dêle. De modo que não sou adotivo.

— E nem que fôsse, disse Clélia rindo, não era para se desesperar, tendo uma mãe tão boa como a sua!

— Não mesmo, concordou Oscar. Vocês tinham razão.



Quem é que sabe?

1) Completar : *Os que esperam em Jeová renovarão as suas fôrças ; subirão com asas como águias ; correrão e*
2) Quem é que assinou a lei da libertação dos escravos no Brasil ?
3) Que palácio recebe o nome de Catete ?
4) Como se chama na Argentina a residência presidencial ?
5) Que é A Casa Branca ?
6) Qual é o ôlho que sempre está chorando ?
7) Qual é a palavra de 8 letras, da qual tirando 4 aínda resta "oito" ?
8) Quem foi o fundador do escotismo ?
9) Como se originou a palavra farol ?
10) Que poesia começa assim : *Armas, num galho de árvore, o alçapão...*
E, em breve, uma avezinha descuidada,
Batendo as asas cai na escravidão !
11) Que é que tornou Hércules célebre ?
12) Corrigir a seguinte sentença : *Depois quero falar consigo.*
13) Quantos km. o Brasil é mais comprido do que largo ?
14) Onde e quando foi construida a 1.ª estrada de ferro no Brasil ?
15) Quantas bemaventuranças proferiu Jesús em seu Sermão do Monte !

Respostas às perguntas de abril :

1) *sê sabio.*
2) Pérola.
3) Ré
4) Sol.
5) IV.
6) E' a medida correspondente à distância percorrida pela luz durante um ano.
7) 150,000,000 km.
8) Nicolau Coelho
9) Fato. Um fato de cabras.
10) No 2.º domingo de maio.
11) Verbo ver, no futuro do subjuntivo.
12) A letra *u*.
13) Zéfiro — vento fraco, brisa ; favônio — idem.
14) Entre *mim* e êle.
15) Daniel.

MÃE

(Da vida real)

No salão escolar o professor entrara
Com os cadernos na mão, tendo a alvorada clara
De um sorriso no rosto, aberto à alacridade
De sua amada classe — almas no "em flor" da idade.
As provas distribue, a ler notas e emendas :
"Artur, três ; José dez ; escreveste contendas
Com dois **tt**, Manuel ! Alvaro Paiva, nove..."

Falando, a sua classe o professor comove
No carinhoso tom com que a todos alude,
Sem que, de leve, a voz se lhe revele rude.
— Vamos ao tema de hoje.
— O que será ?
— "E' assunto
Que a todos interessa, a todos em conjunto.
Quem tiver coração todo amor, facilmente
Há de escrever o que sentir a alma que sente.
O sentir do escritor é o guia que lhe ensina
O segrêdo do estilo, a linguagem divina,
Imagens e ouropéis ; inspira-lhe belezas,
Conceituoso dizer, tôdas as subtilezas !"

Ao quadro-negro foi, e escreveu a giz branco
Estas palavras : **Mãe** (**carta**), num gesto franco
De entusiasmo e falou : "Vejam, é êste o tema,
O mais belo do mundo !" E teceu um diadema
De frases, a fazer a preleção precisa
Para a assimilação da matéria. Improvisa,
E fala comovido, inspirado, e revela
Su'alma de poeta e educador, tão bela !
Ao terminar, diz êle : "Escrevam !" Tôda a classe
Se pôs a trabalhar dos cadernos em face.

Dos alunos, contudo, um pequenino havia
Que em frente do caderno, olhando-o, não escrevia.
— Não escreves, José ?
O aluno não responde,
Porém, só muito a custo as lágrimas esconde.
— Por que choras, meu filho ? oh ! Dize sem receio.
— Eu não posso escrever sôbre o tema que leio,
Uma carta...
— Por que ? volve-lhe o mestre o olhar !
— Porque não tenho Mãe... responde a chorar.

***